



## EDITORIAL DE PARTIDOS E COVARDES

## ANARQUISMO EM CONTRUÇÃO

Por que milhões de pessoas descontentes com os partidos, continuam a incentiva-los? Sabem que cada partido procura não defende-los, mas assumir o controle do poder e garantir interesses que não são os da população. A cada eleição, fortalecem a corrupção e os interesses de poder que os cargos do governo garantem.

Se não concordam com os partidos, não adianta procurar o “menos pior” e votar nele, é necessário que cada um vote nulo, não eleja nenhum partido ou político profissional, porque estes parasitas não vão resolver nossos problemas.

Devemos sair de nossa apatia, de nossa covardia traduzida em comodismo de apenas votar e reclamar. Devemos agir diretamente para resolver nossos problemas, de forma horizontal para que todos participem desse processo. É um método de fazer política sem políticos profissionais, sem intermediários.

Ao participar sempre com ação direta, mostramos nossa civilidade, assumimos nossa cidadania, deixamos de ser apenas moradores das urbes, deixamos de ser urbanos e assumimos nossa cidadania. Ser cidadão é participar do processo político, é fazê-lo do melhor jeito para todos o que não ocorre quando somos urbanos, apenas moradores apáticos, sedentários e submissos a uma autoritarismo partidário de políticos de má fé, que só nos tratam como massa de manobra e seres dóceis e amestrados a seu bel prazer.

Todos os partidos, da direita conservadora e da esquerda radical querem o mesmo, enganar-nos e submeter-nos ao jugo de sua ditadura partidária.

Convidamos a cada um sair do conforto de sua covardia e assumir compromissos sociais de mudanças, revolucionárias, porque se depender dos partidos, seremos apenas peças de suas comédias políticas.

O desenvolvimento do anarquismo ocorre duplamente, no indivíduo e em seu coletivo. Como as aspirações desses dois elementos são diferentes, temos um choque de aspirações: o coletivo tende a assimilar cada um de seus indivíduos; simultaneamente os indivíduos também procuram imprimir ao coletivo as suas marcas, suas aspirações. O conjunto de tudo isso, é a sociedade em permanente mutação.

Verifique que isso não se enquadra dentro do paradigma (jeito “acadêmico” de expressar um modelo) dialético comunista, como muitos “científicos” afoitos já se pronunciam. O dinamismo apresentado ultrapassa uma simples síntese mecânica, que é uma vulgarização desse desenvolvimento, mas que se difundiu estrozosamente pela esquerda autoritária marxista. E isso é verificável diante dos fatos históricos que presenciamos. Não precisamos ir tão longe para identificar que o desenvolvimento humano até o presente momento não surtiu em nenhum avanço para o coletivo ou para os indivíduos.

Esta afirmação é aterradora e muitos não a aceitarão. Isso é muito compreensível, uma vez que todo lastro de nossos conhecimentos e impressões se fundamentam no progresso, no desenvolvimento espiralado da humanidade e na crença de sua evolução.

Tudo isso é uma ilusão, da qual esse texto faz parte. A transformação perpétua dos indivíduos e coletivos ocorre repetidamente, imutável em sua dinâmica transformadora. Isso gera insegurança e desequilíbrio em ambas as partes. Tanto os indivíduos ficam incomodados por não conseguirem sair desse continuo começo, como a coletividade demanda muita energia para assegurar um desenvolvimento, um progresso, equilíbrio artificial que não existe. Como explicar isso?

O simples processo de nascimento é um começo para cada indivíduo, conseqüentemente para o coletivo, que precisa reafirmar todo o processo que o mantém coerente.

Não só é um começo, mas um novo começo, um começo diferente, uma vez que as condições de cada lado está diferente.

Por que as condições de cada lado está diferente?

A diferença que ocorre na ilusão de progresso, de desenvolvimento que o coletivo procura e tenta acumular. Assim, embora os indivíduos em todas as épocas nasçam iguais, as ilusões de progresso impregnadas no coletivo são transferidas aos indivíduos, imprimindo uma ilusão de progresso, e assim a sensação de um desenvolvimento do coletivo humano é sentida.

Mas logo é ameaçada pela realidade, ou ao

menos por sua face rápida que se transformará em uma velocidade ainda inimaginável. É muito rápido para que nossa lógica possa compreender, mas se manifesta em tudo. Verificaremos que ao captar uma imagem da sociedade, temos um quadro de uma diversidade impressionante, temos tudo e todos em um momento apenas. Todos os aspectos do coletivo e do indivíduo está ali, em suas diversas manifestações e entendimentos. Dizer que uma forma, um paradigma é mais abrangente do que outros, ou mais preponderante, ou mais lógico, é um totalitarismo oportuno, muito destrutivo para as infinitas possibilidades humanas.

Pense ainda que o indivíduo que capta esta imagem é diferente do que está lendo, que tem uma outra imagem; pense em um terceiro indivíduo e assim por diante. Cada qual é um, e ao mesmo tempo, pelo choque com o coletivo, se torna parte discriminada na retroalimentação do próprio coletivo, mais uma peça da ilusão de tradição que a humanidade acredita precisar.

Sobre tudo isso, tanto o coletivo e os indivíduos mesclam-se variavelmente e nas mais diversas formas. Tudo isso se manifesta simultaneamente. O que seria maravilhoso. Mas há um grande desafio aqui. Como tudo isso não é lógico, mensurável, progredível, tanto os indivíduos como o coletivo, aprisionados a sua ilusão de progresso, desenvolvimento ou seja lá como queiram chamar, causam exploração e opressão, justamente por prender-se uma ilusão que não existe, de progresso. Ou melhor, a ilusão de progresso ocorre sobre a miséria e regresso, o que anula este suposto progresso.

Isso simplesmente é voltar ao início. Ilustremos com a lembrança do trabalho de Sísifo. Toda essa ilusão é o trabalho de rolar a pedra, que é o nosso progresso montanha acima, para constatarmos, perplexos, que ela rola novamente para baixo assim que a largamos, esmagando milhões em sua rota.

Anarquicamente, pretendemos não resolver os problemas dos indivíduo e do coletivo, mas assegurar que as manifestações de liberdade e justiça não estejam limitadas as esferas ilusórias atuais de um progresso inexistente. Perguntaríamos, para que rolar a pedra se ela esmagará milhões? Nos recusamos a compactuar a uma ilusão tão mortal. E nem, queremos com essa consciência ilógica, sugerir um progresso ou um novo paradigma. Não somos ambiciosos, apenas lutamos para que a liberdade seja comum a todos sem exceções e contoplarmos o impossível formado.

Se isso é subir a montanha sem a pedra, mantendo-a lá embaixo; ou não subi-la, contemplando sua altura; ou subir com a pedra, mas fixando-a lá em cima; ou que muitos optem em ser esmagados ...

Bem, lutemos por isso, por que não?

POR IDÍLIO CANDIDO

## **CAMPINAS ELEGE SEUS REPRESENTANTES NA CÂMARA**

Passadas as eleições, a vida continua a mesma.... Tudo volta ao normal - se é que um dia saiu da normalidade pelo fato de ser obrigado a votar - como no Império Romano: pão e circo para distrair e divertir os cidadãos...

Assim, os candidatos eleitos seguem seu dia-a-dia, aliviados de não precisarem mais beijar crianças e apertar as mãos de futuros eleitores, podendo fazer o que bem entenderem: trocar de partido, ficar sem partido, chamar seus escudeiros fieis de campanha para uma função de assessoria (desde que deixem uma porcentagem do salário para o tal eleito) ou, simplesmente, colocar a família nos cargos e fim de papo.

Contudo, podemos tirar lições da tragicomédia!!!

Estas últimas eleições municipais (“últimas” como força de expressão, pois o voto é obrigatório) foram estatisticamente um fracasso. Os números indicam que, apesar de Campinas ter angariado um aumento de 21 para 33 vereadores - um salto e tanto - a quantidade de votos que obtiveram não chegou a 50% do total de eleitores ! Vamos às contas:

Campinas elegeu 33 vereadores que, somados todos seus votos, resulta no total de 179.858.

O município tem cerca de 1.000.000 (um milhão) de habitantes. Dentre estes, 640.000 (seiscentos e quarenta mil) são eleitores. Portanto, vejamos:

640.000

-179.858

460.142

Então, conta feita, 460.000 eleitores estão “sem representantes”... ou pior, foram enganados, votando em alguém que não se elegeu, entre tantas possibilidades...

Este número em fração representa menos que um terço (1/3) dos eleitores de Campinas.... Pouparemos nossos (e)leitores de falar detalhadamente das abstenções. Basta registrar que em torno de 100.000 pessoas não compareceram às eleições ou nem foram ao TRE para retirar seus títulos eleitorais. Esta é a democracia representativa, ou melhor, a ilusão da representação eleitoral...

Este fato foi uma constante na maioria dos municípios brasileiros!

Deixando os números de lado,

vamos lembrar dos nossos candidatos, cansados de beijarem crianças e apertarem as mãos calejadas de gente que trabalha duro todo dia, durante a Campanha.

Nossos “representantes” desafiaram a inteligência de todos, foram semanas de tortura eleitoral gratuita, pataquadas e mais pataquadas, ditos e desditos, enfim, quase o de sempre.

O diferencial foi dado pela elite campineira, que neste pleito inovou!

Contrariando as paradas de sucessos dos anos 1980, não trocou seu cachorro por uma criança pobre, como pedia Eduardo Duzek. Elegeu um representante que explorou o novo filão do mercado eleitoral: o afeto pelos animais. Sem entrar no mérito da importância do respeito pela vida e pelo meio ambiente, o voto dado ao vereador “campeão” tem a “cara” do segmento populacional que pode sustentar a expansão crescente dos “pet shop”. Em termos de representação de interesses, refere-se a uma pequena parcela do universo municipal, consideradas as mazelas que grassam em nossas “campinas”.

É isso (e)leitor, seu voto nada vale, a representação não considera os interesses da maioria trabalhadora, o retorno (fora os churrasquinhos durante a eleição) mingua durante os mandatos.

Antes de terminar este texto, deixamos claro que não somos contra a representação, somos contra este tipo que está aí: baseada nas eleições onde o voto é uma arma e, ao votar, as pessoas dão a arma para o inimigo fazer o que bem entender com ela (a pessoa e a arma).

Acreditamos em um outro tipo de organização representativa, em que as pessoas participem diretamente, discutindo os problemas e as necessidades do seu cotidiano, escolhendo representantes para demandas específicas, sem mandatos pré-fixados. Ou seja, após a contribuição, o representante volta às suas atividades, colaborando com sua comunidade de outras formas, sem necessariamente estar investido de um “status” formal.

**José Damiro Fev. 2005.**



# CAMPINAS



# ANARQUICA!

## **ANOS DE INSERÇÃO; 1997 ATÉ HOJE**

### **Depoimento de um ativista sobre o Anarquismo em Campinas**

Comecei a entender o anarquismo com mais profundidade em 1997, ao contatar com um grupo de Campinas, vinculado a Organização Socialista Libertária (OSL), montavam uma Organização Não-Governamental (ONG) visando educação e trabalho social. Havia uma maioria de pessoas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e decidiu-se por este motivo, atuar na mesma.

Formamos uma chapa para disputar o Diretório Central dos Estudantes (DCE). Foi uma disputa contra militantes partidários, em sua maioria do PT. Nossa plataforma de ação foi baseada na autogestão, incentivando a participação ampla dos estudantes e destacando uma atenção especial aos Centros Acadêmicos (CA), nos quais entendíamos estar o foco político dos estudantes, era e é o referencial mais direto dos estudantes.

O nome da chapa era Libera, em homenagem ao periódico do Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres (CELIP) do Rio de Janeiro (atualmente está vinculado a Federação Anarquista do Rio de Janeiro, FARJ).

A organização do pleito foi mal feita, com atrasos e a não abertura de urnas em vários locais que, coincidentemente, tínhamos mais simpatizantes, além da impugnação de outras. O resultado foi que, embora na contagem final venceu a chapa adversária, o pleito foi anulado. Com a anulação da eleição foi proposto uma nova forma de gerenciamento do DCE, via os CAs, que ficou

## **LA ARMILO (CONTINUAÇÃO)**

conhecido como: “DCE de CAs” (que sofreu todas a sorte de críticas dos setores partidários do movimento estudantil da UNICAMP).

Neste mesmo ano aconteceu um encontro (Congresso) no Rio Grande do Sul, da Federação Anarquista Gaúcha (FAG), a qual a OSL era ligada. Durante uma semana conhecemos as atividades e companheiros de algumas cidades da grande PoA (Porto Alegre) que desenvolviam trabalho com reciclagem, conscientização ecológica etc. Vários atuavam no Movimento Estudantil (ME).

Em Campinas, embora estivéssemos se esforçando, as coisas não andavam. O grupo não conseguia crescer. Depois de algum tempo solicitei meu desligamento, o compromisso com o grupo era grande e os resultados que obtínhamos ficavam muito a desejar.

Procurei, então atuar dentro da Universidade e entrei em contato com os anarco-punks de Campinas, eles tinham um espaço na periferia chamado, Espaço Cultural Dona Tina. Um espaço sui generis, mantinham várias atividades, uma biblioteca. Formamos um Círculo de Estudo Anarquista.

A construção do processo foi através do consenso dos interessados o que impôs uma dinâmica simples e objetiva, todos se manifestavam acrescentando pontos de vista diferentes. Começamos os estudos pela Colônia Cecília. Como é história, um assunto puxa outro, assim discutimos também a Primeira Associação Internacional do Trabalho (1ª AIT), sobre Mikail Bakunin, etc. Reuníamos duas vezes por mês, ou quando combinávamos.

**POR IDILIO. CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO.**



Fabelaj profitegoj estiĝas dank' al fabrikado de armiloj, ekspluado de specialaj ŝtaloj kaj de mineraloj kun granda eksplodiga forto. Vastegaj trustoj pligrandiĝas pro nerompeblaj alianciĝoj ebligantaj la militojn kiuj evitas la rustiĝon de la armiloj, kiuj ekstermodiĝus, kaj tiel nur taŭgus kiel muzeaj pecoj, kaj ties fabrikistoj devus sin turni al negocoj malpli avantaĝaj.

Hodiaŭ pli ol hieraŭ, morgaŭ pli ol hodiaŭ la kvanto de la armiloj maltrankvilige pligrandiĝas kaj ties stokigo. Konsekece pligrandiĝas ankaŭ la militista forto de la nacioj, la nombro de soldatoj kaj policistoj, la povo de la armeoj, la kvanto de la armilfabrikistoj, la profitoj el senutilaj produktadoj, la danĝero por la vivo de la homaro!

Se eĉ malgranda milito ne minacas nin, kial ni aĉetu armilojn? Tial oni disvastigas la malvarman militon, la spionadon, kaj la onidiristoj semas dubon kaj malkonkordon, por ke la profitiga negoco de la armiloj prosperu, la registaroj kaj popoloj pli kaj pli aĉetu armilojn pro la timo, kiun ili sentas antaŭ aliaj registaroj kaj popoloj, kiuj armilojn aĉetas.

Estas tre malfacile priskribi la armilon en ĝiaj plenaj malvarmeco kaj nesentebloco. Determini la minicantan danĝeron, kiun ĝi enhavas, estas neeble; ĉar ni bezonus scii, kiel ekaperis ties esploro, projekto, fabrikado, usado kaj perfektigo.

La armilo estas frukto de la imagpovo de tiu, kiu ĝin desegnas, prilaboras arte, meĥanike aŭ manovras kaj funkciigas ĝin por sin defendi kontraŭ tiuj, kiuj ankaŭ uzas armilojn por ataki, por mortigi; aŭ por garantii en la mondo la homajn rajtonjn, kontraŭ tiuj, kiuj ilin volas rifuzi per armiloj.

Oni povas komprenigi la armilojn kiel instrumenton kun multaj utiloj, esplorata kaj perfektigata de la homa menso, kies valoro estas ju pli alta, des pli granda estas la nombro da homoj, kiujn ĝi kapablas mortigi. Ĝiaj sukceso, krima, murdista gravecoj devenas el la arto, sperto kaj kapablo de ties investisto kaj fabrikisto. La prezo, mendindeco, utilo kaj uzado, dependas ĉiam de la rapideco por mortigado de homoj je granda aŭ malgranda distanco, en la preciza mezuro de la supereco, kiun ĝi

donas al la uzantoj kaj ties aŭtomateco kaj kvanto da mortigiloj, kiujn ĝi disĵetas posekunde. Helpe de la homa menso la armilo estiĝas kun antaŭfiksita celo krei malfeliĉaĵojn, disverŝi sangon, fari invalidojn kaj kriplulojn, neniigi hejmojn, dissemi mizeron, disĵeti la teruregon, frenezecon, bruligadon kaj detruadon. La armilo valoras laŭ la mortigoj, kiujn ĝi faras.

La armilon “bona”, serĉata, dezirata, grava, kiu okazigas la grandajn kverelojn en la estanteco kaj en la estinteco, oni taksas laŭ la aŭtomateco, la detruoj, la personoj, kiujn ĝi buĉas. Ju pli malproksime ĝi trafos, ju pli granda estos ĝiaj povo kaj agado, rapideco, kvanto da pafoj posekunde, des pli granda estos ĝia valoro, des pli oni deziras, des pli facile oni ĝin donataj al la reputacio de la investistoj kaj fabrikistoj, des pli granda estas la malsekureco de la homaro.

Sed, ĉu nur la armilo – simbolo de la malbono – respondecas pri ĉia perforto, pri la milionoj da krimoj farataj dum la fluado de la jarcentoj? Nu, ĉu la armilo estas la resumo de ĉio, kio estas malutila, ĉu ĝi respondecas pri la starigo kaj daŭrigado de la registaraj tiranecoj, pri la militoj, pri la tenado de koncentrejoj, pri la regimoj de socia malegaleco? Mi kredas ke ne! Car verdire ĉio kreiĝas en la homa menso, do la homo estas la nura respondeculo pri ĉio malbona, kio viktimitigas nin.

La armilo estas frukto de la imagpovo, temperamento, emocia kaj psika statoj, deliktemaj inklinoj, malsana menso homaj. La armilo estas simpla instrumento por miloj da makiavelaj fantazioj de la homo, el kiuj ĉiu pli danĝera ol la alia.

Por ke armiloj ne plu estu necesaj sufiĉas, ke oni resangi la homon kaj forprenu ĝin el la timegoj, en kiujn ĝi falis; ke oni detruu la nerealan, fantazian mondon, kie ĝi vivas; ke oni elradikigu la malutilajn impulsojn, kiujn ĝi posedas kaj ĝin bonigu por si, por la siaj, por la grupo, por la socio. Nur nova homo, fidema, instruita laŭ la homama principaro de la politika kaj socio egalecoj bazita sur la Frata Amo, povos malbezoni la armilojn kaj liveri ilin al la muzeoj por antikvaĵoj.

Dum ĉi tio ne okazos, ni difinu: Armilo: - “Instrumento de la malsana kaj deliktema imagpovo de la Homo!”

**POR EDGAR RODRIGUES.**



**ACORDA,  
PINDORAMA!!!**

... E o Eterno disse: "Então ouve. Tu mataste o teu irmão. E a voz do seu sangue grita da terra até Mim."

E Caim disse: "O que é matar, Senhor?"

E o Eterno disse: "Matar é fazer morrer antes do termo fixado pela Minha sabedoria."

E Caim disse: "Pode-se fazer alguma coisa que não esteja fixada pela Vossa sabedoria, Senhor?"

E o Eterno disse: "Tudo está previsto pela Minha sabedoria. Porque Eu sou o Eterno, Teu Deus e nada Me é Ignorado e nada Me é impossível."

E Caim disse: "Então, Senhor, se a Vossa Sabedoria sabe tudo, Ela sabia que a Vossa recusa de minhas oferendas faria ferver o meu sangue e saltar a cobertura do meu coração e Ela sabia também que a Vossa preferência pelo meu irmão Abel faria acontecer o que aconteceu. E se o Vosso Todo-Poder pode tudo, poderia ter mudado tudo isso e fazer com que o mal fosse um bem. E o que é que eu tenho a ver com isso, afinal?"

E o Eterno disse: "Tu raciocinas muito."

E Caim disse: "Fostes Vós que destes o raciocínio, Senhor."

E o Eterno disse: "Tu és um revoltado."

E Caim disse: "Fostes Vós que me empurrastes para a revolta Senhor."

E o Eterno disse: "Tu és um assassino."

E Caim disse: "Eu não sabia o que é assassinar. Portanto não sou culpado. Eu nem sabia que as pessoas podiam morrer. Mas vós, vós sabeis-lo, Senhor." ...

CAVANNA, "As Sagradas Escrituras", Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1986. págs. 33-34

**LEIAM E PENSEM:**

Na mitologia cristã está escrito que todos os seres humanos serão julgados<sup>1</sup>. Esta é a afirmação que existe no último livro da Bíblia. Há, neste mesmo livro, outra afirmação dizendo que o julgamento será justo<sup>2</sup>.

Ora, um julgamento justo e verdadeiro, como bem sabe qualquer pessoa, somente é possível quando o juiz é imparcial, não tendo relação alguma com as partes envolvidas. Ou seja, o juiz não pode ser amigo ou inimigo de nenhuma das partes em litígio.

Pois bem, pensem, sendo ateus, ou mesmo não cristãos, não há como sujeitar-nos às vontades de um deus no qual não acreditamos, ou que não seja o nosso deus. Assim, se houver um julgamento presidido por este deus, ou por alguém por ele indicado (ou criado), este julgamento não será justo, pois o juiz não será imparcial.

Portanto, sendo ateus (agnósticos ou não cristãos), supondo-se que de fato haverá um julgamento, e supondo-se que este deus exista, como poderemos ter um julgamento justo e verdadeiro se o juiz for este deus ou qualquer outra criatura por ele criada ou

indicada? Não haverá julgamento algum. Haverá uma execução, pois já sabemos qual seria o resultado. Seria uma covardia, atitude incompatível com a imagem de um ser superior.

Desta forma, um julgamento justo e verdadeiro somente poderia ser presidido por um juiz neutro, sem ser criado por deus, e sem amigo ou inimigo das partes.

Ora, hipoteticamente admitindo-se que este deus criou tudo, ele jamais poderá julgar aqueles que não acreditam em sua existência, pois este julgamento não seria justo e nem verdadeiro.

<sup>1</sup> Apocalipse, capítulo 20, versículo 12: *Vi também os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono. Foram abertos livros, e mais um outro livro ainda: o livro da vida. Então foram julgados os mortos, de acordo com sua conduta, conforme está escrito nos livros.*

<sup>2</sup> Apocalipse, capítulo 19, versículo 2: *... porque seus julgamentos são verdadeiros e justos.*



No Estado popular do Sr. Marx,

dizem-nos, não haverá absolutamente classe privilegiada. Todos serão iguais, não somente do ponto de vista jurídico e político, mas também do ponto de vista econômico. Pelo menos no-lo promete, ainda que eu duvide muito que, da maneira como procedem e na via que querem seguir, possam algum dia cumprir sua promessa. Não haverá, portanto, mais nenhuma classe, mas um governo, e, observai-o bem, um governo excessivamente complicado, que não se contentará em governar e administrar as massas politicamente, como fazem todos os governos hoje, mas que ainda as administrará economicamente, concentrando em suas mãos a produção e a justa repartição das riquezas, a cultura da terra, o estabelecimento e o desenvolvimento das fábricas, a organização e a direção do comércio, enfim, a aplicação do capital à produção pelo único banqueiro, o Estado.

Por Mikhail Bakunin, in *Conflitos na Internacional, 1872.*

**POR GERAÇÕES**

- O tempo passa
- A fome aperta
- A mão rouba
- A mãe chora
- A polícia arrocha
- A lei afrouxa
- A ética esconde
- A vergonha expande
- O povo acanha
- A elite ganha
- O dia acaba
- A luz apaga
- O tudo continua
- O nada acontece

Luis Carioca

**KULTURA CENTRO**

**ESPERANTO**

ESPAÇO DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA SEM FRONTEIRAS ESPERANTO. APRENDA A LÍNGUA DA PAZ E DA UNIÃO DOS POVOS.

AULAS REGULARES, CONTATO:

CP> 1097 -CEP: 13-001-970 a/c KCE <http://www.aleph.com.br/kce>



**ANARQUIA EM CONSTRUÇÃO!!!**



**CONTRIBUA!**



EXPEDIENTE: IDILIO CANDIDO, EDUARDO DEZENA, JOSÉ DAMIRO, LUIS CARIOCA.

COLABORADORES: EDGAR RODRIGUES, ANNA GICELLE, ERIKA CANDIDO.

AGRADECEMOS A TODOS PELAS SUGESTÕES, CRÍTICAS E MATERIAIS. É LIVRE A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA APERIÓDICO, CITANDO-O OU NÃO.

CONTRIBUA COM PROPAGANDA ANARQUISTA, DIVULGANDO-A. SAÚDE E ANARQUIA A TODOS!

TIRAGEM: 1.000 EXEMPLARES. PEÇA O SEU!

ENTREM EM CONTATO:

A/C Fênixso Nigra

CP: 999 CEP13-001-970

Campinas-SP

m.e: [fenixsonigra@yahoo.com.br](mailto:fenixsonigra@yahoo.com.br)

[WWW.FENIKSO.RG3.NET](http://WWW.FENIKSO.RG3.NET)



JUSTIÇA E LIBERTADE

<http://geocities.yahoo.com.br/fenixsonigra/>